

A GRUNA DO POTE

VITOR MOURA

GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS

ALENICE BAETA

SETOR DE ARQUEOLOGIA DO MHNJB/UFMG

Todos os espeleólogos do Bambuí, e de outros grupos que participam das expedições, já estão acostumados a uma estranha e conhecida lei. Ela diz mais ou menos o seguinte: *sempre as melhores e mais inesperadas descobertas acontecem no final de uma expedição, quase sempre no último dia !!!*

Mas na expedição Serra do Ramalho 2001 as coisas começaram de outra forma...

Estávamos no início da viagem, uma equipe foi vasculhar a parte superior do grande maciço onde está a Gruna dos Peixes. Observando antes algumas fotos aéreas daquele lugar notamos uma grande reentrância no maciço, parecendo ser um pequeno cânion. Talvez este lugar guardasse uma gruta ainda inexplorada, talvez ligada à própria Gruna dos Peixes.

A equipe que procurava o tal lugar já estava sobre o maciço, um dos mais bonitos da região, na verdade um imenso campo de lapíás. Naquele estranho lugar a vegetação de cactos, bromélias, barrigudas e outras plantas espinhentas se esgueira, procurando as fendas e algum traço de umidade para sobreviver. Quase não existe solo, mas as plantas sobre a rocha conseguem atrair pássaros, lagartos, pequenos roedores e outros animais. Suas cores vivas são um espetáculo à parte. Próximo ao meio dia, o calor na superfície do maciço é escaldante,

as sombras quase não existem, parece que estamos andando sobre uma frigideira de cabeça para baixo. É um lugar difícil para prospecção, os lapíás são como facas afiadíssimas apontadas para o céu, uma pequena queda poderia causar um grave acidente.

Geralmente nessas áreas existem inúmeras fendas e buracos que não têm ligação com as grandes cavernas abaixo. Em uma prospecção não damos muita atenção para estas pequenas cavidades; procurando sempre os grandes sumidouros ou ressurgências. Mas naquele dia, no início da expedição, a equipe parou para uma foto. Então o Ezio foi dar aquela "olhadinha" num buraco. A área externa era completamente plana e o buraco, uma abrupta chaminé de uns 6 metros de profundidade. Nada poderia indicar esta entrada, nenhuma fenda está próxima, só poderíamos achá-la por acaso. A entrada circular tem somente cerca de 1,5 m de diâmetro e suas paredes rugosas permitem uma descida fácil em oposição.

Logo abaixo da chaminé o espaço já começa a se alargar e dá acesso a um conduto descendente com um desmoronamento. Na parte inferior o conduto se alarga e cria um salão relativamente amplo, onde termina a pequena gruta. Alguns espeleotemas tiram a monotonia do conduto. Logo na parte mais baixa da galeria, próximo ao ponto onde termina, obstruída por sedimentos,

existe um escoamento inativo, tendo abaixo um nicho. Chegando a este lugar entendemos o quanto esta pequena gruta é especial.

No nicho, logo abaixo do escoamento, está um vaso de cerâmica inteiro e dentro dele uma cuia, feita também de cerâmica. Parece que foi colocado ali ontem e que a pessoa que usava este vaso, talvez para coletar água, vai chegar e pegar água com a cuia cerâmica bebendo um pouco e enchendo outro recipiente para levar consigo.

É fácil imaginar o espeleotema gotejando em épocas mais úmidas, enchendo o vaso. Olhando para a tórrida paisagem externa imagino também como devia ser valioso aquele pote cheio de água. Até hoje, com todos os avanços tecnológicos, a água na Serra do Ramalho continua a ser um bem precioso (ver o artigo "Gruna da Água do Quinca – A Busca pela sobrevivência" – Carste Vol 13, Nº 1).

Na área próxima ao pote foram observados vários fragmentos de tochas, com as pontas carbonizadas. Ao que parece estas tochas eram feitas de caules de uma planta similar à canela-de-ema (*Vellozia sp.*). Fato interessante é que até hoje os caules destas plantas são usados para acender os fogões à lenha, já que queimam muito bem. Esta atividade tem, contudo, ameaçado raros espécimes de vegetação.

Este sítio arqueológico, como todos os outros, só tem valor

científico relevante se for estudado por inteiro, sem nenhum de seus artefatos, sedimentos ou conjuntos pictóricos perturbados. A realização de pesquisas arqueológicas não autorizadas ou a retirada indevida de artefatos arqueológicos constitui crime federal.

Nós, espeleólogos, encontramos muitas vezes sítios arqueológicos nas entradas de cavernas e, nos casos mais raros, bem no interior de uma galeria, na zona afótica. É importante ressaltar que o vaso e a cuia foram deixados intactos, esperando o estudo futuro de uma equipe arqueológica.

O mais fantástico de tudo é presenciar um local intocado, tendo a sensação que o tempo parou e que os dias atuais se confundem com o passado distante.

Dados arqueológicos da Gruna do Pote

Baseando-se nas observações preliminares sobre as características gerais dos dois vasilhames, suspeita-se que estes possam pertencer à Tradição Cerâmica Una, que tem como atributos principais a ausência de decoração plástica, paredes finas e escuras, formas globulares ou cônicas. A textura da pasta, na maioria dos casos, apresenta-se compactada e a sua queima, excelente. Normalmente, os anti-

plásticos mais comuns utilizados em sua confecção são as cinzas e carvões.

Um dos indícios mais antigos da Tradição Una são atualmente da Lapa do Gentio, região de Unaí- MG, identificados pelo Instituto de Arqueologia Brasileira- IAB, datados de 3.490 BP. (Prous, 1992)

Os relevos das chapadas foram, no período pré-colonial, como também nos últimos séculos, amplamente ocupados pelos povos caçadores-coletores e,



Pote indígena utilizado para captação de água
Foto: Vitor Moura

GRUNA DO POTE

Carinhanha - BA

Proj. Horiz.: 35 m

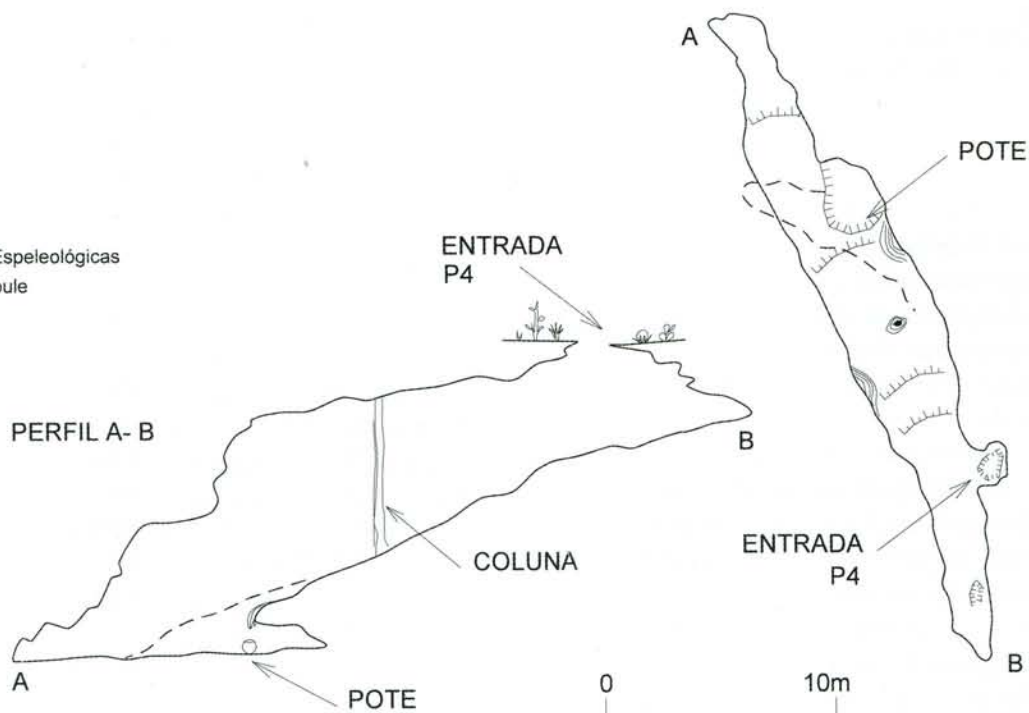
Desnível: 12 m

Topo 4C BCRA

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Junho/2001



Coordenadas omitidas.
Garantia de proteção
do sítio arqueológico.

O CARSTE VOL 14 Nº 4

posteriormente, pelos horticultores ceramistas ali estabelecidos em função da diversidade da caça e da fitoecologia, disponíveis tanto no cerrado quanto na caatinga. Os fundos dos vales, onde se encontram os brejos e as veredas, também foram locais de referência dos grupos indígenas, em função desses ambientes estarem associados a cursos d'água, fundamentais para a sobrevivência dos grupos, principalmente nos períodos mais secos. (Baeta; Paula, 1999) Abrigos e cavernas onde se encontram ressurgências ou ambientes com gotejamentos de água eram, certamente, pontos de visita obrigatória de grupos humanos, como também de animais. Muitas vezes, nas proximidades destes tipos de fontes de captação de água se encontram alguns sítios arqueológicos de acampamentos provisórios.

Local similar ao sítio Gruna do Pote foi também identificado na Serra Azul no município de Jaíba (Sítio Arqueológico Piscina do Cota). No entanto, o "pote de índios" já havia sido retirado por moradores locais recentemente. No entanto, eles informaram que ao lado de um poço de água, também se encontrava um antigo vasilhame cerâmico. (Baeta; Moura; Alonso, 2000)

Espera-se que o sítio Gruna do Pote possa ser preservado com os seus elementos materiais componentes *in loco*, pois é raro encontrar objetos arqueológicos ainda intactos na superfície do solo. Possivelmente tenham se conservado em função da dificuldade de acesso. O registro fotográfico e a publicação deste tipo de informação vem trazendo importantes contribuições sobre o modo de vida dos mais antigos exploradores das cavernas e fendas desta região. 

Referências

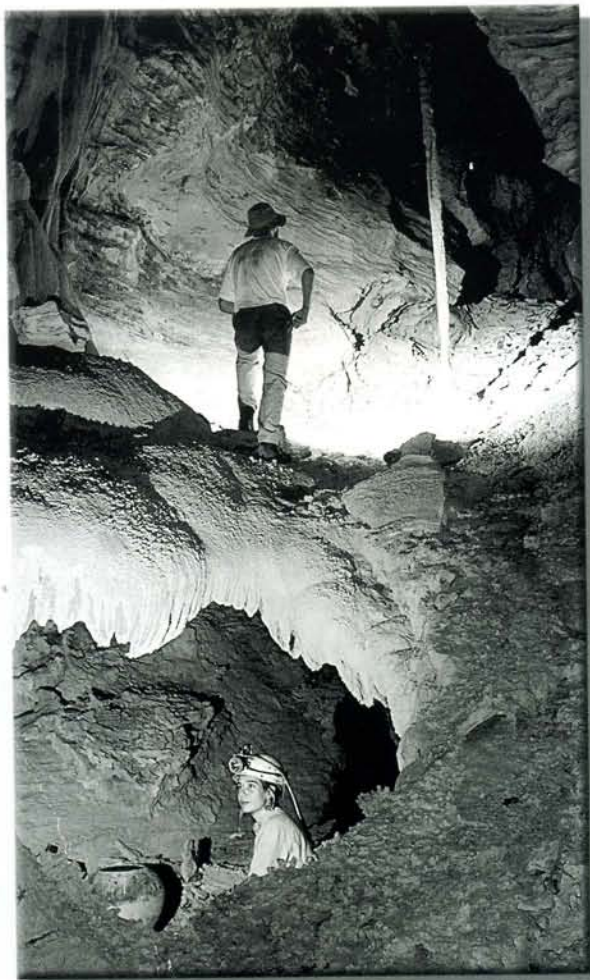
Bibliográficas

BAETA, A ; MOURA M. T. T. & LIMA M. A Diagnóstico Arqueológico Jaíba Etapa II SEPLAN/VITAE, 2000.

BAETA, A & Paula, F. L. de Memória Indígena na Região de São Desidério-BA, In O Carste, Vol. 11 n. 4, Belo Horizonte, 1999.

PROUS, Arqueologia Brasileira Ed. UNB, Brasília, 1992.

Aspecto do local onde foi encontrado o pote. Observa-se escorrimento que "abastecia" o pote. Foto: Jean François Perret



La Gruna do Pote

Vitor Moura
Grupo Bambuí de
Pesquisas Espeleológicas

Alenice Baeta
Département Archéologique
du MHNJB/UFGM

Tous les spéléologues du Bambuí, ainsi que ceux appartenant à d'autres groupes qui participent aux expéditions, sont déjà habitués à une loi étrange et bien connue: les découvertes les plus belles et les plus inattendues se font presque toujours dans les derniers temps d'une expédition, et même très souvent le dernier jour !!!

Lors de l'expédition Serra do Ramalho 2001, les choses débutèrent cependant autrement...

Nous venions d'entamer nos explorations, une équipe se chargeait de faire une reconnaissance dans la partie supérieure du grand massif où se trouve la Gruna dos Peixes. En observant auparavant quelques

photos aériennes de cet endroit, nous avions remarqué une profonde saillie au sein du massif qui paraissait être un petit canyon. Ce lieu abriterait-il une grotte encore inexplorée et rejoignant peut-être la propre Gruna dos Peixes?

L'équipe qui était à la recherche d'un tel endroit était déjà à l'œuvre sur le massif, un des plus beaux de la région, un immense champ de lapiez en vérité. Dans cette région inhospitalière, la végétation composée de cactus, de bromélias, de "barrigudas" (espèces de baobabs) et d'autres épineux s'étiraient à la recherche des failles et d'un peu d'humidité pour pouvoir survivre. La terre est quasiment inexistante mais les plantes accrochées à la roche arrivent à attirer des oiseaux, des lézards, de petits rongeurs et d'autres espèces d'animaux. Leurs couleurs vives en font un spectacle à part. Vers la mi-journée, la chaleur régnant à la surface du massif est étouffante, les ombres en sont pratiquement absentes. On croirait alors avancer dans une poêle la tête en bas. C'est un terrain difficile pour la prospection: les lapiez ressemblent à des couteaux bien

aiguisés s'élançant dans le ciel. Une simple chute pourrait s'avérer très dangereuse.

Dans ces parages, il existe généralement d'innombrables failles et des trous qui ne se prolongent pas dans les grandes cavernes du sous-sol. Lors de nos prospections, nous n'accordons qu'une attention mineure à ces petites cavités, notre recherche étant toujours centrée sur les grandes pertes ou les résurgences. Ce jour-là toutefois, n'en étant qu'au tout début de l'expédition, l'équipe a fait une halte pour prendre une photo. Ezio en a alors profité pour jeter "un coup d'œil" dans une faille. Les abords externes de celle-ci étaient complètement planes et le trou consistait en une cheminée abrupte de quelque 6 mètres de profondeur. Aucun indice n'aurait pu nous indiquer son emplacement, aucune faille n'existant à proximité, c'est le hasard seul qui nous l'avait fait découvrir. L'entrée circulaire ne dépasse guère les 1,5 m de diamètre alors que les parois rugueuses rendent aisée une descente en opposition.

Tout de suite en dessous de la cheminée, l'espace commence à s'élargir et débouche sur un conduit descendant avec un éboulis. En aval, le conduit se fait plus large et crée une salle relativement vaste qui termine la petite grotte. Quelques concrétions brisent la monotonie du conduit. Exactement au fond de la galerie, dans sa partie la plus basse, non loin du point ultime obstrué par des sédiments, il existe une coulée de calcite qui a été active avec plus bas une niche. En atteignant ces lieux, nous avons pris conscience de la grande originalité de cette modeste cavité.

Dans la niche, tout de suite sous l'écoulement, se trouvait un vase de céramique entier dans lequel il y avait une "cuia" (demi-calebasse, espèce de cuiller), également en céramique. On aurait dit qu'elle venait tout juste d'y avoir été déposée et que celui qui avait eu l'habitude d'utiliser ce vase, peut-être pour y puiser de l'eau, allait refaire soudain son apparition et retirer de l'eau pour la porter à sa bouche à l'aide de sa "cuia" en céramique, et remplir son autre récipient avant de l'emporter.

Il n'est pas besoin de faire un grand effort d'imagination pour se représenter la coulée de calcite laissant perler ses gouttes et remplissant le vase pendant les saisons des pluies. Sachant quelle sécheresse il faisait au

dehors, je pouvais facilement comprendre combien cette eau recueillie dans ce pot avait du être précieuse. Et même jusqu'à aujourd'hui, malgré toutes les avancées technologiques, l'eau de la Serra do Ramalho continue à être un bien précieux (voir l'article: *La gruna da Água do Quinca - La recherche de la survie - Carste*, vol.13, N° 1).

Dans l'aire voisine du pot, on a observé plusieurs fragments de torches dont les extrémités étaient carbonisées. À première vue, ces torches sont constituées de tiges d'une plante identique à la "canela-de-ema" (*vellozia* sp.). Il est intéressant de noter que jusqu'à ce jour, les tiges de ces plantes sont utilisées pour allumer les fours aux feux de bois en raison de leur combustion facile. Cette activité représente cependant une menace pour certaines espèces rares de végétation.

Comme tous les sites archéologiques, celui-ci n'acquerra de réelle valeur scientifique que le jour où il sera étudié dans son intégralité, sans qu'aucun de ses objets, de ses sédiments ou de ses ensembles picturaux ne soient déplacés ou endommagés. La réalisation de fouilles archéologiques non autorisées ou l'extraction sauvage de ses divers objets est considéré comme un crime par les autorités fédérales.

En tant que spéléologues, nous sommes souvent amenés à découvrir des sites archéologiques dans les entrées de cavernes et plus rarement au cœur même d'une galerie, dans la zone sombre. Il est important de souligner que le vase et la "cuia" ont été laissés intacts à la disposition d'une future équipe de archéologues intéressés par leurs études.

L'émotion la plus forte se fait sentir au moment où l'on pénètre dans un lieu inviolé, ce qui donne la sensation que le temps a suspendu son vol et que les jours d'aujourd'hui se confondent avec un passé reculé.

Données archéologiques de la Gruna do Pote.

En se basant sur les observations préliminaires concernant les deux ustensiles, on peut supposer que ceux-ci puissent appartenir à la Tradition Céramique Una dont les caractéristiques principales consistent en l'absence de décoration plastique, en parois fines et sombres, en formes globulaires ou

coniques. Dans la majorité des cas, la texture de la pâte se présente pressée et est excellente quand on la brûle. En général, les antiplastiques les plus fréquemment employés dans leur confection sont les cendres et les charbons.

Quelques-uns des vestiges les plus anciens de la Tradition Una se trouvent actuellement dans la Lapa do Gentio, dans la région de Unai (MG). Ils ont été identifiés par l'Institut d'Archéologie Brésilienne (IAB), et sont datés de 3.490 BP. (Prous, 1992)

Au cours de la période pré-coloniale et durant les derniers siècles, les reliefs des "chapadas" ont été largement occupés par des populations de chasseurs et de cueilleurs et ensuite par des horticulteurs céramistes établis dans la région en fonction de la diversité du gibier et de la phytoécologie, présents aussi bien dans le "cerrado" (végétation du type savane) que dans la "caatinga" (végétation du type maquis). Les fonds des vallées, où on trouve des marais et des sentiers ont servi eux-aussi d'établissements privilégiés aux groupes indigènes en raison de leurs milieux en liaison avec les cours d'eau, primordiaux pour la survie des groupes, surtout lors des saisons plus sèches (Baeta; Paula, 1999). Des abris et des cavernes dans lesquels existent des résurgences ou des milieux avec des égouttements d'eau étaient certainement des passages obligés tant pour les groupes humains que pour les animaux. On rencontre souvent quelques sites archéologiques de campements provisoires aux alentours de ces genres de sources de captation.

Un site similaire au sítio Gruna do Pote a été pareillement identifié dans la Serra Azul, dans le district de Jaíba (Sítio Arqueológico Piscina do Cota). Toutefois, le "pote de índios" avait déjà été retiré un peu plus tôt par les habitants des environs. Ceux-ci révélèrent cependant l'existence d'un ancien ustensile en céramique près d'un puits (Baeta; Moura; Alonso, 2000).

On espère que le site Gruna do Pote puisse être préservé avec ses éléments matériels composants in situ car il est rare de rencontrer des objets archéologiques encore intacts à la surface du sol des galeries. Il est possible qu'ils aient dû leur conservation à la difficulté d'accès. La photographie et la publication de ce genre d'informations contribue à faire connaître le mode de vie des plus anciens explorateurs des cavernes et des failles de cette région.

